



ANÁLISE DO DISCURSO: A PROFECIA DO FIM DOS TEMPOS DIANTE DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS DA ATUALIDADE

Edivaldo Cristiano dos Santos Souza
Instituto Federal Fluminense / Universidade do Estado do Rio de Janeiro
edivaldocristiano@globocom

Rozana Quintanilha Gomes Souza
Instituto Federal Fluminense / Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
rozanaquintanhags@gmailcom

Resumo

O presente trabalho é baseado na interpretação religiosa dos problemas ambientais da atualidade como sendo um sinal do fim dos tempos. Dessa forma, sendo o fim dos tempos uma profecia, ou seja, um plano de Deus para o mundo terreno, não estaria o homem, ao degradar o meio ambiente, cumprindo desígnios divinos? Para que preservar um ambiente destinado a desaparecer? Nessa reflexão, aborda-se o discurso polêmico do Pastor Silas Malafaia, referência e liderança entre os religiosos evangélicos em geral, sobre os problemas ambientais relacionados aos sinais do fim dos tempos. Toma-se como *corpus* da pesquisa, um texto divulgado por esse pastor em seu próprio *blog*. Para tanto, utiliza-se, como base teórica-metodológica da pesquisa, a análise do discurso com ênfase nos pressupostos levantados por Dominique Maingueneau (2010). Nesse viés, objetivou-se verificar como o discurso religioso instituído se autolegitima, mesmo apesar do avanço científico na atualidade. Discutir e aprofundar as relações de consciência ambiental, tendo em vista a urgência, complexidade e questionamentos que envolvem esse tema, torna essa pesquisa muito relevante diante dos problemas ambientais da atualidade.

Palavras-chave: Análise do discurso, Problemas ambientais, Fim dos tempos, Educação ambiental.

INTRODUÇÃO

A promessa bíblica da segunda vinda de Jesus nos informa que esse evento deverá ser prenunciado por sinais diversos, acontecimentos perturbadores da ordem terrena, dentre eles, os problemas ambientais, que cumprirão a função de sinalizar à humanidade da proximidade desse dia. Nesse ínterim, os perceptíveis e alardeados problemas ambientais da atualidade poderiam ser interpretados, pelos cristãos, como sinais da proximidade do retorno de Jesus à Terra, como sinais da proximidade do fim dos tempos?

Apesar de haver notáveis exceções, a matriz do pensamento cristão é muito antiga e desenvolveu no ocidente, ao longo dos séculos, uma visão de natureza acentuadamente antropocêntrica e utilitarista. Figuras como Francisco de Assis são, na verdade, casos pontuais, verdadeiras exceções - que fogem à ideologia historicamente antiecológica construída pela tradição cristã. O credo cristão na profecia do fim dos tempos ao admitir uma associação entre os desequilíbrios ambientais da atualidade e os sinais do fim dos tempos, termina por influenciar o desenvolvimento de uma ideia profética de problema ambiental. Por



consequência, desenvolveu uma representação utilitarista de natureza, já incorporada ao inconsciente coletivo ocidental, que subordina a existência de todas as coisas ao nosso teleologismo antropocêntrico.

Diante desse quadro, e considerando, portanto, que o fim dos tempos é o mesmo que uma absoluta finitude do mundo material, ele significa, em termos ambientais, a destruição planetária. É esta visão catastrófica, de fim de mundo, que grande parte da comunidade cristã, que crê seriamente nesses desígnios escatológicos, tem do fim da história. Convivendo então com a certeza futura de uma finitude ambiental, essas pessoas não encontrariam razões, até por uma questão de bom senso, para se preocuparem com essas questões. O problema que surge diante desse quadro é o seguinte: Qual o sentido lógico de se preservar um meio ambiente, cujas pessoas acreditam, por convicção religiosa, que está na iminência de ser definitivamente destruído? Como poderia haver espírito de preservação sobre algo prestes a ser destruído?

Esse artigo apoia-se no pressuposto de que há um discurso de base cristã, no qual os problemas ambientais estão relacionados ao fim dos tempos apesar do pensamento laico dominante na atualidade. A nossa hipótese é a de que essa interpretação dos problemas ambientais como sendo sinais do fim dos tempos, presente no discurso de influentes líderes religiosos cristãos da atualidade, tem sustentado princípios ambientalmente incorretos que se encontram em choque direto com os muitos esforços educacionais desenvolvidos em busca de uma sociedade ambientalmente mais saudável. Nesse viés, o objetivo central desse artigo é verificar como esse discurso religioso instituído se autolegitima, mesmo apesar do perceptível avanço dos movimentos de educação ambiental da atualidade. Para tanto, propomos analisar um discurso, sobre essa temática, escrito pelo Pastor Silas Malafaia, influente líder religioso televisivo oriundo da Assembleia de Deus - Vitória em Cristo, considerando que lideranças religiosas respondem às demandas do seu grupo social imediato e, nesse sentido, organizam informações para a compreensão dos problemas ambientais da atualidade.

A CRISE AMBIENTAL DA ATUALIDADE

A crise ambiental da atualidade, diante das atitudes consumistas e individualistas do homem contemporâneo, tem sido correntemente justificada pelo viés das estruturas sócio-econômicas (não somente pela opinião de senso comum, mas também por uma extensa bibliografia acadêmica). Não há mesmo como desconsiderar as intervenções cada vez maiores e mais profundas da indústria capitalista no meio ambiente, promovendo e agravando essa crise. Sobre esse assunto, Umberto Eco (1999, p.202) relata que:



a grande ameaça do futuro, quero dizer esta possibilidade que temos pela primeira vez na história da humanidade de destruir o planeta, é um assunto que dá lugar a numerosas intervenções na mídia, mas que não parece realmente perturbar o sono de ninguém. Quem, dentre nós, por exemplo, está disposto a renunciar, em nome da preservação ambiental, a seu automóvel?

No entanto, apesar da prevalência do fator econômico na justificação da crise ambiental da atualidade, ele, por si só, não consegue explicar e dar conta de determinados problemas, cujos aspectos causais, demonstram ser de outro campo. A forma com que o homem relaciona-se com o meio ambiente, certamente sofre uma considerável influência do fator econômico, mas, discordando da opinião dominante em geral, ele não será, sempre, o fator determinante.

Convivemos na atualidade com uma crise ambiental que nasceu e se encontra instalada num mundo construído a partir dos pressupostos éticos e morais da tradição cristã. Existe certo consenso, entre estudiosos e pesquisadores que trabalham com a temática ambiental, em identificar na tradição cristã a raiz sócio-ideológica-filosófica que justifica o conceito inferior e negativo que o homem ocidental possui sobre o meio ambiente. Papaioannou (1983 apud SOFFIATI, 2000, p.161), corroborando essa afirmativa, em estudo feito sobre o conceito da *physis* (natureza), chama a nossa atenção para um fato interessante e revelador da indiferença com que a tradição cristã trata a natureza:

o conceito de *physis* nunca foi desenvolvido pelas escrituras judaicas, nem como modelo inteligível, nem como modelo de ética: a palavra cujo significado a designa, nem sequer existe na bíblia hebraica.

Foi o pesquisador norte-americano White (1967, p.1203) quem publicou um artigo no qual levantou pela primeira vez a hipótese de que a tradição cristã é, em si mesma, parte fundamental da crise ambiental da atualidade, já que

estabelece uma oposição radical entre os seres humanos e a natureza. De acordo com os seus textos sagrados e os seus mitos de criação – como no Gênesis – os homens são senhores do mundo natural, e não apenas membros.

Campbell (1972, p.74), desenvolvendo essa mesma linha de raciocínio, acrescentou e analisou outros argumentos que demonstraram como

a adoção do monoteísmo prepara uma relação imperial entre os seres humanos e a natureza. A habitação celeste do deus masculino acaba por “dessacralizar” a paisagem natural terrena e abriu caminho à sua exploração desimpedida.

Nash (2001, p.29) acrescentou à tese de White o argumento de que

a representação judaico-cristã de um “céu” como um lugar melhor do que a terra deu à cultura ocidental um sentimento de transitoriedade física, de desapego aos valores naturais da paisagem, contribuindo para uma atitude de exploração da natureza.



A percepção, por parte da sociedade em geral, da ocorrência de desajustes cada vez mais frequentes na dinâmica ambiental, colocou em evidência a crise ambiental da atualidade, tornando-a uma temática urgente e das mais preocupantes da sociedade atual.

O DISCURSO RELIGIOSO POLÊMICO

Em 2010, pesquisadores norte-americanos do Centro de Pesquisa Pew¹, uma instituição sem fins lucrativos que estuda costumes e tendências da sociedade, aproveitaram que líderes evangélicos do mundo todo se reuniram em um congresso na Cidade do Cabo, na África do Sul no mês de outubro, e fizeram aos religiosos uma série de perguntas. Os 2.196 líderes vindos de 166 países revelaram, por meio das respostas a essas perguntas, as ideias e os sentimentos dos pastores cristãos evangélicos que inspiram um grupo de fiéis, cujo número varia de 246 milhões (de acordo com o PEW) a 600 milhões de pessoas (segundo a Aliança Evangélica Mundial).

Várias perguntas relativas aos mais diversos aspectos sociais foram feitas a esses líderes evangélicos. Em relação à espera do juízo final, os dados demonstraram que não existem dúvidas entre os líderes evangélicos de todo o mundo quanto à certeza da volta de Jesus a Terra. A discordância existente é sobre quando esse regresso acontecerá. E somente 2% dos pastores evangélicos entrevistados afirmaram que “com certeza, Jesus não voltará durante a minha vida”. Esse dado da pesquisa é revelador não só da certeza unânime dos pastores evangélicos em relação ao acontecimento do “juízo final”, como também da certeza, de praticamente a totalidade deles, de que esse fim está muito próximo de acontecer.

Na discursividade religiosa, pensar de outro modo, ou seja, diferente dos ensinamentos dados na igreja, configura não crer na bíblia, e nesse caso, significa não acreditar no retorno de Jesus. No entanto, o racionalismo científico moderno, põe em questão essa crença numa finitude planetária e catastrófica. Para a comunidade cristã, aqueles que não compreendem ou não sabem argumentar contra uma polêmica surgida na relação entre a ciência e a bíblia se apoiam na força ilocucional dos seus líderes religiosos para que estes confirmem os fundamentos cristãos.

O homem religioso traz uma herança histórico-cultural-religiosa que direta, ou indiretamente, sustenta princípios e credos que se encontram, atualmente, em oposição às novas bases ideológicas que surgem em busca de uma sociedade ambientalmente saudável: “novo paradigma da vida humana que emergiria do reconhecimento dos danos produzidos pela racionalidade moderna” (CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE

¹ <http://www.pewresearch.org/>



EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE TBILISSI, 1977, p.101). A tradição cristã modelou o mundo terreno com a imagem de um lugar transitório e ruim, em oposição a um mundo celeste, lugar permanente, seguro, verdadeiro e bom.

Numa forma de manter-se conectado com o que as suas comunidades entendem como “politicamente correto”, religiões cristãs buscam, na Bíblia, trechos cujas interpretações afirmem aquilo que se deseja acolher ou crer em relação aos problemas ambientais, aproximando-se, dessa maneira, do discurso ecológico da atualidade, sem, no entanto, abandonar os antigos e enraizados fundamentos do cristianismo.

As reflexões aqui decorrem de uma provocação: Por que não relacionar o discurso religioso como sendo um discurso situado no debate polêmico que extrapola as regras das situações comunicativas?

Nesse sentido, propõe-se para essas questões sobre os problemas ambientais relacionados aos sinais do fim dos tempos analisar o discurso do Pastor Silas Malafaia, líder religioso e referência não somente entre os evangélicos da comunidade religiosa a qual pertence e lidera - Assembleia de Deus Vitória em Cristo, mas também, de certa forma, de todas as demais comunidades representativas do conjunto das instituições religiosas de denominação evangélica.

A análise do discurso do Pr. Silas Malafaia proposta para esse trabalho justifica-se pelo fato dele ser conhecido por suas manifestações polêmicas por meio de textos, entrevistas, programas de TV e vídeos em que se posiciona de forma extremamente crítica em relação a temas controversos. Nas diversas biografias dele que foram consultadas, é publicizada, com destaque, a sua condição de polêmico e, por isso mesmo, ele é, ao mesmo tempo, amado e odiado. O polêmico está sempre nos extremos da discussão e toma a atividade discursiva como um campo de batalha, no qual desqualifica o adversário em tom de agressividade. Ele representa uma classe evangélica que o considera porta-voz dos valores morais e dos bons costumes cristãos. Em 2 fevereiro de 2013, durante uma entrevista concedida ao programa *De Frente com Gabi*, do SBT², apresentado pela jornalista Marília Gabriela, Malafaia causou uma forte polêmica ao afirmar:

eu não acredito que dois homens e duas mulheres tenham a capacidade de criar um ser humano. Se tiver pastor homossexual, ele perde o cargo. Não tenho nada contra homossexuais, mas amo homossexuais assim como amo bandidos.

Esse caráter autoritário, quase messiânico, que confere às relações do líder religioso com os membros das igrejas, procede de uma determinada concepção de representação

² <http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/noticias/11630/Eu-amos-os-homossexuais-como-eu-amos-os-bandidos-diz-Silas-Malafaia-no-De-frente-com-Gabi.html>



religiosa não apenas pautada na ideia de pregador e administrador, mas, sobretudo, pautada na missão, dada por Deus, de guia e responsável pelos fiéis da igreja, como diz a bíblia: “E vos darei pastores segundo o meu coração, que vos apascentem com ciência e com inteligência” (JEREMIAS, 1988, 3:15).

A semântica, mobilizada por Malafaia em suas palavras “eu não acredito que dois homens e duas mulheres tenham a capacidade de criar um ser humano”, revela uma autoridade no discurso, que é relevante destacar, delegada por Deus e, por isso, confiável devido ao valor linguístico-discursivo que tal enunciado carrega. O dizer “eu não acredito” é o mesmo que dizer sou pastor, portanto não acreditem também.

Os marcadores discursivos “Se”, “mas” e “assim como” contribuem para a análise do discurso ameaçador, refutante e comparativo, respectivamente. O conector “Se” estabelece uma relação semântica de condição para o cargo de pastor da igreja: não ser homossexual. Ao mencionar que esse fato interfere para manter o “cargo” de pastor, revela discriminação e, nesse caso, a função do pastor deixa de ser uma missão confiada por Deus e passa a ser um emprego (cargo) que lhe vai ser tirado pelo presidente da igreja, Malafaia, não mais o pastor que mantém e guia seu rebanho para o caminho do bem, mas simplesmente um patrão. O conector “mas” estabelece uma relação semântica de oposição para contradizer a afirmativa anterior de que não tem “nada contra os homossexuais” e revela um contradizer irônico e sarcástico. O conector “assim como” estabelece uma relação de semelhança na comparação entre o sentimento do amor com o sentimento que nutre pelos homossexuais e bandidos. Na primeira oração “amo homossexuais”, cria-se uma expectativa positiva em relação ao sentimento asseverativo que há no amor, entretanto essa expectativa é quebrada quando se compara esse sentimento àquele que geralmente se nutre por um bandido, ou seja, contrário ao do amor. Ou ainda, numa outra análise, esse último enunciado pode evidenciar, por meio da comparação, a posição de igualdade entre um homossexual e um bandido, deixando transparecer que o homossexual precisa se arrepender dos pecados, precisa aceitar Jesus, da mesma forma que o bandido, ou seja, trata o homossexualismo como um delito ou desvio de conduta.

Considerando as práticas verbais que podem ser classificadas como polêmicas, pode-se destacar, segundo (Maingueneau, 2010): “força ilocucional”, “encenação na atividade discursiva”, “agressividade”, “veemência”, “marcadores discursivos que contribuem para a oposição”, “aspecto espetacular e público”, “ação estendida no tempo”. Para Maingueneau (2010), é difícil selecionar traços para definir o polêmico. “A saída, então, é estudar o texto polêmico em seus múltiplos planos, e atribuir uma importância bem relativa aos traços



linguísticos considerados característicos do polêmico” que recobre três dimensões: “enunciativo-pragmática”, “sociogenérica” e “semântica”.

A dimensão “enunciativo-pragmática” procura verificar o aspecto prático da fala, “levando em conta o dispositivo pragmático no qual as marcas enunciativas adquirem sentidos” (MAINGUENEAU, 2010, p.191). O polêmico não fala sozinho. Há uma dinâmica recíproca entre destinador e destinatário impulsionada pelo enunciado polêmico. Tal discurso é autorizado devido ao seu objeto de valor ser reconhecido por toda comunidade. Segundo Garand (1989, p.35):

para ser autorizada, a voz enunciativa vai receber a caução de um princípio superior (Deus, a Pátria, a Razão, a Arte etc.), princípio que não poderia ser eleito por uma só pessoa, mas ser reconhecido por um número maior. O polemista inscreve-se na filiação de um poder superior, a ele e a todos, que ele não precisa justificar. Se tivesse de fazê-lo, toda a força ilocucionária seria diminuída, se não anulada.

A dimensão sociogenérica implica uma situação comunicacional sócio-histórica ligada a uma determinada conjuntura e a um gênero de alcance coletivo. Atualmente, os blogs se constituem num espaço privilegiado para as polêmicas, os quais confrontam opiniões divergentes sobre questões específicas em relação a um tema polêmico que mobiliza embates e enfrentamentos. A disputa, muitas vezes começa com um determinado conflito, mas que toma corpo e logo se desdobra para outras questões e níveis, caracterizando o discurso polêmico como um debate longo e inconclusivo, e diferenciando este de uma simples discussão que se encerra logo que se finaliza a conversação ou a interação.

A dimensão semântica requer uma investigação sobre a própria identidade do discurso polêmico e demanda uma análise subjetiva dos enunciados que pretende pressupor, construir ou sustentar. O debate polêmico é uma discussão recorrente sem fundamentação em si mesma, implicando uma teatralidade que ridiculariza e ironiza o outro, ou seja, uma relação de controvérsias marcada pelo posicionamento ofensivo e sem conciliação.

O POLÊMICO E A POLÊMICA CRISE AMBIENTAL

Toma-se como corpus dessa pesquisa o texto divulgado no blog do Pr. Silas Malafaia sobre essa temática. Seu discurso religioso relacionado à crise ambiental é polêmico, uma vez que atende ao princípio superior de uma temática autorizada por ser de interesse coletivo e por apreender três dimensões: 1. Quanto à dimensão enunciativo-pragmática implica uma força ilocucional e teatral num tom de desqualificar o adversário; 2. Quanto à dimensão sociogenérica, requer uma análise do discurso situado num espaço sócio-histórico por um



veículo de ampla proliferação desses embates polêmicos; 3. Quanto à dimensão semântica, demanda uma reflexão subjetiva de ordem filosófica, sócioambiental, religiosa e histórica.

Essa temática associa a polêmica em torno da crise ambiental ao discurso polêmico religioso representado pelas declarações do Pr. Silas Malafaia em seu *blog*³ no dia 29 de janeiro de 2014. Este texto oferece uma exemplificação do discurso polêmico religioso relacionado aos problemas ambientais:

Catástrofes naturais são sinais da ira de Deus?

Terremotos, tornados, tsunamis, tempestades, deslizamentos, aquecimento global. Este é só o começo de uma vasta lista de catástrofes naturais que o mundo tem acompanhado nos últimos anos. Nunca se viu mudanças tão rápidas e com efeitos tão devastadores como nos dias de hoje. Mas, por que tudo tem de ser considerado castigo divino ou ação diabólica?

As leis da natureza explicam os desastres naturais. O maior responsável pelo desequilíbrio ambiental é o ser humano. A poluição dos rios e mares, o desmatamento, as construções irregulares em encostas, os lixos jogados na mata e o aumento da emissão dos gases gerando o efeito estufa, ações provocadas pelo homem, são os principais agentes de tantas calamidades e tristeza.

Segundo o representante da Swiss Re Brasil, Rolf Steiner, autor da palestra Meio Ambiente e Seguros de Catástrofes, os efeitos das catástrofes naturais são agravados pelas ações humanas por meio de comportamentos inconsequentes e negligentes, como a impermeabilização dos solos e as construções em leitos de cheias. Ele ainda informou que as dez piores catástrofes naturais registradas ao longo de 2010 ocorreram nos países em desenvolvimento, deixando um rastro de quase 300 mil mortos ou desaparecidos.

Durante muitos séculos, as catástrofes (sismos, erupção de vulcões, furacões, cheias) eram menos comuns, mas a revolução industrial, que aumentou a emissão de gases tóxicos e o despejo de poluentes no meio ambiente, provocou um aumento considerável de catástrofes súbitas. Esses cataclismos imprevisíveis resultam em prejuízo humano, na morte de várias vítimas inocentes, bem como em prejuízos econômicos, visto que, por vezes, cidades inteiras e toda a sua infraestrutura são destruídas.

Quantas vezes você já assistiu na televisão a reportagens sobre o grande número de animais mortos no leito seco dos rios, ou então sobre o derretimento das geleiras, o que aumenta o nível do mar? Se o ser humano respeitasse as leis da natureza, a biodiversidade não seria prejudicada, e a frequência de desastres naturais seria infinitamente menor.

É claro que Deus é absolutamente soberano e tem o controle de todas as coisas, mas isso não significa que é Ele quem produz os desastres, a fim de castigar a humanidade, como fez enviando o Dilúvio, para inundar a terra (Gênesis 6), e fogo em enxofre, para destruir Sodoma e Gomorra (Gênesis 19). Também não se pode afirmar que esses desastres sejam obras malignas, como vemos em Jó 1.16,19, embora eles sejam um sinal do fim dos tempos, o princípio das dores, conforme revelado em Mateus 24.6-8.

O polêmico Pr. Silas Malafaia traz a controvérsia em seu discurso. Nas palavras do enunciador, o modo de falar denuncia uma maneira de ser. Apontam-se, nesse discurso, traços do polêmico como constitutivo de uma identidade que representa um credo religioso. Vale destacar que a intenção desta análise é verificar a maneira de falar do enunciador relacionada à conduta do polêmico. Busca-se verificar a disposição do enunciador em se colocar numa situação de debate recorrente no qual se associa os problemas ambientais à crença no fim dos tempos.

³ http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advect/blog-posts.cfm?cod_secao=1&cod_subsecao=180



O primeiro traço que chama a atenção nesse discurso de Malafaia é a enumeração de uma “lista de catástrofes da naturais”, onde alguns exemplos de ações que são de motivação antrópica são citadas como de motivação natural, por exemplo, o “aquecimento global”. Percebe-se que não há uma fundamentação lógica e nem apropriação de conhecimentos na área ambiental para tamanha veemência.

O segundo traço que chama atenção é a forma como ele valoriza as catástrofes ambientais ocorridas nos últimos tempos (“Este é só o começo de uma vasta lista de catástrofes” ou “Nunca se viu mudanças tão rápidas”). Esse modo apocalíptico, ameaçador e urgente de dizer, confirma o tom que se quer dá ao discurso sobre a iminência do fim dos tempos. Esse traço enunciativo sócio-histórico está ligado a uma determinada conjuntura e a uma temática que suscita interesse coletivo, e que confere com a dimensão sociogenérica do discurso polêmico.

O marcador discursivo de refutação (“mas”), considerado característico do polêmico, que segue nesse mesmo enunciado, estabelece uma relação de oposição ao dito anterior por meio de uma pergunta feita por um dito constituído (“por que tudo tem de ser considerado castigo divino ou ação diabólica?”), evidenciando uma voz que representa um grupo religioso, no qual ele representa e que é intensificada pela crise ambiental da atualidade. Com essa indagação em tom de indignação, o destinador quer isentar Deus de uma acusação de ira sobre a humanidade. Por outro lado, percebe-se que ele não nega nem afirma, prefere lançar a interrogação, trazendo à tona uma questão de forma a desestabilizar o oponente, utilizando-se do aspecto prático da fala de forma arrojada, que confere com a dimensão enunciativo-pragmática do discurso polêmico.

Nesse discurso, Malafaia se apoia em vozes externas (“Rolf Steiner, autor da palestra Meio Ambiente e Seguros de Catástrofes”) e em fatos históricos (“revolução industrial”) para legitimar sua retórica argumentativa, e, ao associar as “catástrofes naturais” à “revolução industrial”, confunde, novamente, ações de motivação antrópica com as de motivação natural.

Essa sensibilização que ele faz transparecer em “imprevisíveis”, “prejuízo humano”, “morte de várias vítimas inocentes”, “prejuízos econômicos”, “cidades inteiras e toda a sua infraestrutura destruídas” tem uma intencionalidade - a de induzir o pensamento de que Deus é bom e, por isso, Ele não seria capaz de lançar sua ira sobre os homens dessa maneira cruel.

No enunciado “Quantas vezes você já assistiu na televisão a reportagens...?”, ele comenta as notícias divulgadas pela TV em forma de pergunta para chamar a atenção para a realidade dos fatos, ou seja, não é ele quem diz, são os fatos. O marcador discursivo “se” condicional é conveniente para o tom autoritário do polemista e atribui ao homem a



responsabilidade pelos “desastres naturais”, ao afirmar que “Se o homem respeitasse a natureza, a biodiversidade não seria prejudicada, e a frequência de desastres naturais seria infinitamente menor”.

Quando no discurso ele afirma que “Deus é absolutamente soberano e tem o controle de todas as coisas”, mas que “não significa que é Ele quem produz os desastres”, inferimos, no mínimo, que ele permitiu e, mais do que isso, concordou que “cidades inteiras” fossem “destruídas”, uma vez que Ele é “soberano” e tem o “controle”.

As citações da bíblia, nesse discurso, que remetem a episódios da ira de Deus, como “Dilúvio”, “Sodoma e Gomorra”, buscam comprovar que Deus já demonstrou, em momentos no passado, que é capaz de mostrar sua ira e, ao atestar o número dos capítulos e dos versículos da bíblia (“Gênesis 6”, “Mateus 24:6-8”) pretende demonstrar legitimidade, autoridade e cumplicidade da bíblia para o que está sendo dito.

O marcador discursivo “também” estabelece uma relação de soma em relação à oração anterior, colocando a “ira de Deus” e as “obras malignas” num mesmo conjunto a ser descartado como hipóteses da causa dos “desastres” (ambientais) da atualidade. Nesse sentido, não sendo uma hipótese nem outra, ele pretende apontar o homem como único responsável pelos problemas ambientais, isentando Deus e, por incrível que pareça, também o diabo. No entanto, mesmo restringindo ao homem a posição de autor das “catástrofes naturais”, isso, contraditoriamente a ideia que Malafaia pretendeu impor, representaria o cumprimento de uma profecia concebida por Deus.

O marcador “embora”, ao estabelecer uma relação de oposição, contrariedade e adversidade, contradiz todo o enunciado ao longo do corpo do texto, anulando, assim, o discurso da inocentação de Deus.

Finalmente, posicionado na última frase do discurso, o enunciado “embora eles (‘os desastres’) sejam um sinal do fim dos tempos”, contradiz o discurso da isenção de Deus em relação às “catástrofes naturais”, pois quando o pastor usa o marcador discursivo “embora”, admite que o que está em curso nada mais é do que a concretização do plano divino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do discurso religioso polêmico, por meio das palavras do Pastor Silas Malafaia, permite dizer que o tom da enunciação revela uma voz que se considera superior e autorizada não apenas pela função de pastor que exerce na igreja, mas por representar um grupo que elogia e admira os traços desafiador, assertivo e arrogante característicos do



polêmico. A falta de fundamentação lógica é camuflada pela teatralidade pragmática que impõe à fala.

Quando se apreendeu o discurso religioso em seu plano semântico e identitário, vislumbrou-se uma contradição nos pontos sustentados no percurso discursivo do pastor: de que toda profecia é um plano de Deus e, por essa essência, será, inexoravelmente, cumprida. Logo, por tratar-se de uma profecia, independentemente de quem a executa, ela, para os que creem, será executada. Portanto, pode-se depreender que a questão que menos importa aqui é identificar a autoria, ou seja, se for o homem ou Deus o causador das “catástrofes” ambientais, a profecia, de qualquer forma será cumprida.

No entanto, nesse contexto, o homem não faz nada além do que realizar a vontade divina. Sendo assim, o homem é, por um lado, o agente da história, já que é através dele que Deus realiza os seus planos; por outro, Deus é quem é o agente da história, já que é ele quem orienta (e reorienta) a ação humana.

O que não foi dito pelo pastor, mas está nas entrelinhas do seu discurso, e é primordial para essa análise, é que, se “Deus é absolutamente soberano” e tem “um controle de todas as coisas”, é dele o plano executado pelo homem. Nesse sentido, pode até não ser Ele o executor, mas é Dele a autoria do plano, ou melhor, da profecia. As “catástrofes” ambientais, a partir desse aspecto particular, são interpretadas como mera consequência da providência divina, como sendo um sinal da proximidade da realização da profecia bíblica do fim dos tempos.

A interferência da providência divina no curso da história representa, nesse caso, para aqueles que assim creem, a compreensão de que o processo histórico é regido por uma lógica própria que utiliza os homens (e seus feitos), como meio para atingir Seus fins. Nesse viés, Deus interferindo em determinados momentos, corrige o curso da história, recolocando a humanidade no caminho por Ele planejado.

Os feitos das sociedades, dos homens, dos indivíduos, são, na verdade, orientados por uma consciência divina, o que, visto de outra forma, significa dizer que os homens agem impelidos por uma força externa, da qual eles mesmos, os agentes, embora determinados a agir pela própria vontade, não têm consciência da finalidade última das suas próprias ações no contexto amplo da história.

Discutir e aprofundar as relações entre o credo religioso e a consciência ambiental, tendo em vista a urgência, complexidade e questionamentos que envolvem esse tema, torna essa análise do discurso polêmico relevante para os problemas ambientais da atualidade.

Pode-se concluir que os líderes religiosos se utilizam de argumentos (polêmicos) que julgam ser convincentes e suficientes para lidar com uma questão que é consensual - a da



importância da preservação ambiental. Mas, mesmo querendo se mostrar atualizado, politicamente correto e consciente, devido à realidade imposta pelo mundo moderno, Malafaia endossa a profecia de Deus de que a crise ambiental é um dos sinais do fim dos tempos, revelando que o discurso instituído religioso se autolegitima e se perpetua apesar do avanço científico na atualidade.

REFERÊNCIAS

APOCALIPSE; GÊNESIS; JEREMIAS; MARCOS, MATEUS. **A Bíblia Sagrada** / tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BERNARDES, Ernesto. **Apocalipse**. Revista Época, edição n. 224, 02 set. 2002. <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT380717-1653-1,00.html>. Acesso: 27/01/2016

CAMPBELL, J. **The hero with a thousand faces**. New Jersey: Princeton University, 1972.

CONFERÊNCIA INTERGOVERNAMENTAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DE TBILISSI. Paris: UNESCO/UNEP, 1977, p.101.

DELUMEAU, Jean; ECO, Umberto; JAY GOULD, Stephen; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Entrevistas sobre o fim dos tempos**. DAVID, C.; LENOIR, F. (org.) RJ: Rocco, 1999.

GARAND, D. **La griffe du polemique**. Montreal: l'Hexagone, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1989.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. (Org.) Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MALAFAIA, Silas. **De frente com Gabi**. SBT. São Paulo, fev. 2013. <http://www.sbt.com.br/defretecorgabi/noticias/11630/Eu-amo-os-homossexuais-como-eu-amo-os-bandidos-diz-Silas-Malafaia-no-De-frente-com-Gabi.html>. Acesso em: 27 jan. 2016.

_____. **Catástrofes naturais são sinais da ira de Deus?** Rio de Janeiro, Blogs, jan. 2014. http://www.advitoriaemcristo.org/siteEdit/site/advect/blog-posts.cfm?cod_secao=1&cod_subsecao=180. Acesso em: 27 jan. 2016.

NASH, R.F. **Wilderness & the American Mind**. New Haven: Yale University Press, 2001.

PAPAIOANNOU, Kostas. La consecration de l'histoire. Paris: Champ Libre, 1983 apud SOFFIATI, Arthur. **A natureza no pensamento liberal clássico**. Revista de Direito Ambiental, São Paulo: Revista dos Tribunais, ano 5, n. 20, out./dez. 2000, p. 161.

WHITE, Lynn. **The historical roots of our ecological crisis**. Science: Washington-DC, v. 155, n. 3767, p. 1203-1207, 1967.